

QUINTA-FEIRA
Lisboa--10 de Março-1927

5 TOSTÕES



sempre
fixe
semanário
humorista

42

Propriedade
RENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINAS
TEL. T. 195
RUA DA ROSA, 57

UMA BURRA "SELADA!"



O ARRIEIRO:-- Este "Pinheiro," é mais bravo do que eu supunha. Então não fecha o sacco das "magnificancias," que me la encher a "burra,"?!



Os ditos da semana



O sr. Antonio Cabreira, socio perpetuo de todas as academias, inventor dos numeros impares quando são pares, e vice-versa, fundador da Cruzada de Santa Maria do Castelo, comendador de todas as ordens do globo — é um homem de todos os tempos. Quando vier o fim do mundo ainda ele será academico, matematico, sabio e Cabreira. Pensa 6.612 seculos a fio, conforme se pode verificar pelo relato da ultima sessão da Academia de Sciencias de Lisboa. O que tem isto de extraordinario, no capitulo que diz respeito ás epactas astronomicas?

Nas epactas é que está o gato. Cabreira não gostou delas. Empatavam-lhe a matematica. Era preciso alargá-las 6.612 seculos. Não se conteve. Foi aos calculos e calculou por aí fora. Os amigos pretenderam dissuadi-lo. «Cabreira olha que vais muito longe». «Cabreira respeita o infinito, se não vais preso». «Cabreira lembra-te que tens familia e que isso te pode ser fatal».

Não quiz ouvir. Foi até ao seculo LXXVI — direito, altivo, atravessando as futuras idades da terra, com passo de gigante. Quando lá chegou já ia cansado. Não avistou o pais nem a gloria. Fixou então a sua louza algebrica. Mediu distancias. Vagamente, numa pedra gasta, encontrou alguns hieroglifos A... l... n... a... b...

Era ele sem o saber. Investigou, fez profundos estudos archeologicos, andou 6.612 para traz. Tratava-se dum Cabreira, mas quem? Seu ascendente? Seu emulo? Seu afim? Cabreiras como ele houve poucos na historia. Tinha dela ainda algumas reminiscencias. Os hieroglifos atestavam o saber, a elasticidade algebrica do defunto.

Mas — oh! céus! — aquele Cabreira era a sua desgraça. Mais: a sua vergonha! Tudo estava errado! Naquela matematica confusa das epactas, havia anacronismos empata-dos. E fóra da Academia! E transcendera ele, no seu tempo, o misero espirito dos humanos, com tão negregadas equações!

Desiludido, ajoelhou-se na frieza das nuvens. Chamou um espectro que por ali andava, errando. Era Acacio, conselheiro de Estado, desincarnado pela ironia dos mortais.

— O que fazes aqui, irmão!
— Subi ao reino dos parvos, onde tenho encontrado

muito ministro, muito conselheiro, muito redentor...

— Ha aqui alguma academia...

— Muitas! Ainda bem que chegaste ao longo das tuas grandiosas leguas matematicas. Não sabemos noticias da terra. Precisamos reunir e ouvir a tua douta comunicação. Encontraste lá no mundo inferior, donde vieste, um tal Cabreira, ordenado por Salamanca, Vigo, Creta e Salonica com ordens e graus de formosa sapiencia?

— Cabreira? Só Cabreira? Apenas Cabreira?

O sabio pensou com tenacidade concentrada. Reflectiu maduramente. Procurou com ancia na memoria. Viu que o problema era grave, e lhe tomariam longos meses de estudo. Seculos talvez. Ia a descartar-se da solicitação, quando o outro, sorridente e ironico, lhe volveu:

— Fixa aquele azul... E' tão puro que nele se reflecte a grandeza dos deuses imortais.

O matematico olhou. Uma sombra horrida, de enormes orelhas e colossal queixada, desenhava-se com nitidez cruel.

— Quem é esta sombra, se não trouxe alimaria? Como chegou ao céu — se nem todas as vozes aqui chegam?

Um eco perdido na amplidão do espaço, respondeu-lhe:

— Vieste sósinho, Cabreira! Seis mil e seiscentos seculos de caminho nem Pegazo, nem Caligula podiam transpôr dum jacto.



Outro dia exhibiu-se num écran uma fita desoladora, passada no Polo Norte. Neve intensa. Frio de rachar a calcular pela cara confrangida da personagem — um pobre vagabundo, que deve ter uma casa em Holywød e alguns milhões de dollars nos bancos de New-York.

Nisto uma voz de criança, mesmo ao nosso lado, disse: — Sósinho! Sem ninguem que lhe acuda...

E a mamã, carinhosa:

— Não te apoquentes filho... O operador não deve estar longe...



A prisão ainda é o melhor sitio onde se pode estar em liberdade. Nada nos incomoda. Estamos, pelo menos, livres de sermos procurados

pela policia, que ha muito inventou o motu-continuo — soltando os individuos que estão detidos para os prender depois, libertando-os em seguida. Este jogo das escondidas constitui o divertimento dalgumas dezenas de agentes, que aplicam assim o melhor do Tesouro publico em viagens de recreio sportivo por esse pais fora. Quando, por acaso, se encontra um criminoso que não está nos cadastros do governo civil, os detectives gritam logo:

— Está inocente! Esse não é dos nossos conhecimentos!...

Por esta mirifica doutrina, cuja doutrina ha muito devia ter sido registada em Portugal, o numero dos crimes e dos roubos aumenta — o que não aumenta são os seus autores.

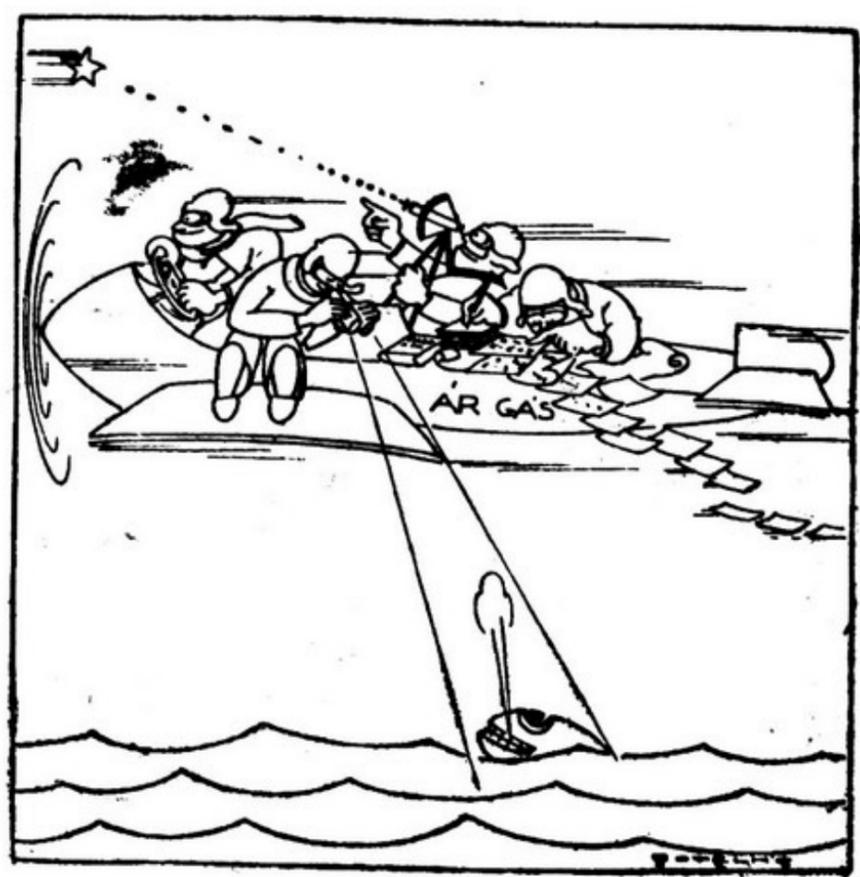
Nenhum cavalheiro respeitavel pode, dum momento para o outro, tornar-se celebre, desviando o alheio. A policia não lho consente. Condena-o ao esquecimento. Ao oprobrio do silencio. A' sombra do anonimato. E' natural? Só assim se pode manter, pela exclusão dos pretendentes, uma classe que encheu por completo os quadros da burocracia normal do roubo, as quadras da banca francesa, e os quartos do governo civil. A policia a todo o custo quer manter, como coisa sagrada e intangivel, a estatistica dos gatunos, difficil e restrictamente elaborada em preteritas epocas de honestidade relativa. Por esta razão nenhum gatuno pode falecer, sem que seja incomodado já depois do enterro; entrar no Limoeiro sem que seja outra vez preso por um acto que não podia ter praticado senão solto; seguir para a Africa, sem levar bilhete de ida e volta... A meio do caminho é chamado a Lisboa, onde tem que se defender dum roubo que só por telegrafia sem fios podia ter perpetrado...

Isto tudo vem a proposito do humanitario carcereiro da cadeia de Elvas, que já deixou fugir três presos, sem que as estancias superiores tivessem disso conhecimento.

Fazia o bem sem olhar a quem! Libertava com a mão esquerda, sem que a direita o soubesse. Já estava tão trepidando neste servicinho activo que bastava fazer uma viagem a Lisboa para que o preso lhe fugisse no Setil, depois de ter bebido dois, no bufete.

Afinal, o homem tem razão. Prisioneiro e carcereiro — são dois, mas sempre dois separados...

Cá vão eles...



a atravessar o Atlantico

NOVELA DO "FIXE"

A NOIVA IDEAL

—Pois é verdade, caro amigo, disse o Gustavo Milfontes ao seu discípulo de Coimbra, Garcia Lourenço.—E' como te digo. Se eu não sou um advogado como tu é porque sempre detestei os embustes, a falsidade e a mentira. Um alemtejano é um alemtejano... Já fui como tu... E, por sinal, uma vez que me retirei do meu torrão natal é que enfraqueci a tal ponto que me cheguei a confundir com vocês... Lembra-te do meu desgraçado casamento...

—O quê?! Tu casaste?... Não o sabia.

—Então tu não soubeste que eu já fui casado?!

—Eu não... Mas se casaste é porque foi por pouco tempo...

—O menos tempo possível...

—Tua mulher atraçou-te?!

—Não. Enganou-me.

—Mau! Não percebo.

—Isto é: ela enganou-me e eu enganei-me, e d'ahi desfiz o meu engano e cá estou outra vez... solteirinho da costa...

—Homem, conta-me lá essa embrulhada por miudos.

—O' menino, é uma novela; leva tempo...

—Não faz mal.

—Então, escuta: Eu deixei-me suggestionar, devido ao meio lamecha em que vivia em Lisboa, por uma rapariga cujo pai comparo-o, hoje, com o Waterloo, fabricante de notas boas, a mãe com o Alves dos Reis e a rapariga com uma das tais de *quinhentos* do Engrola...

—Era falsa?!

—Falsa, positivamente, não era... A tinta é que, em determinados sitios, era um tanto diferente...

—Não percebo...

—Eu te conto: Frequentava eu os meios chics — o dos chás com bolos, dos tangos com chás, e o das *soirées* com saxofones malucos, para os quais eu era convidado devido á posição de meu pai nas finanças alemtejanas e da minha idem nas humbrais das portas da Marques.

«Não sei o que me achavam as mulheres, todas olhavam para mim, como se vissem o hipopotamo do Jardim. Tive propostas de algumas, casadas, que eu sempre honestamente

rejeitei. O meu ideal, já doentio devido ao meio, era ter uma mulher pequenina, branca, delicada, numa palavra:—um *biscuit*, do qual eu pudesse fazer um berloque ou pingente para andar sempre dependurada no meu braço... Achava isto moderno e interessantissimo.

«Pois uma bela vez, casei. A noiva era *mignone* e galante! Adivinhava-se nela a redução duma Venus de jaspé com cabelos de ouro. E os trens!!! E os automoveis!!! E a igreja!!! E o orgão!!! E a prelecção do prior!!! Enfim, um casamento que deu brado!... A' porta da igreja, uma pobre entregou-me uma carta, uma outra um bilhotinho. Pedidos talvez, disse eu, e meti-os na algibeira...

«Quando, em casa dos pais, principiou o copo de agua, fembrei-me do bilhete e da cartinha e li-os. Num deles dizia o seguinte: *Mal empregada...* e no outro: *Assassino!!!*

Achei graça por não ter percebido, no momento, a sua intenção...

—E depois?

—Depois, meu caro, seguiram-se as consequências do acto... Esqueceu-me, porém, dizer-te que minha mulher levava um dotesinho regular. O pai negociava em drogas por atacado e era bastante considerado no meio comercial. Era, numa palavra, um droguista com dinheiro.

—Mau! Até aqui não vejo nada de extraordinario—disse-lhe o amigo.

—Depois do copo de agua, embarcámos para o Alemtejo. Quando chegámos, era grande a curiosidade da gente do sitio, junto da minha herdade. Em casa, a familia e a criada-gem fizeram-nos uma recepção á altura. Os capatazes do pessoal do trabalho vieram dar-me os parabens, enquanto que a noiva, acompanhada por duas servas antigas que me viram nascer, recolhia aos seus aposentos para fazer a sua *toilette* do jantar. A primeira decepção que tive foi de uma das criadas que foi uma especie de minha segunda mãe, dizer-me: «Menino, eu sempre julguei que casasse com uma mulher... Aquilo, filhinho, é um palito de *la reine*... Tens o gosto estragado...

—Oh!

—Em conclusão: eu, sentindo-me

na minha terra, voltei repentinamente á minha primeira forma de ser. A vida de Lisboa pareceu-me um sonho... mas, acrodita, não deixava de gostar da minha mulhersinha branca e loira como a magnolia. Uma vez no quarto nupcial, olhei, de repente, para o *toilette* e, sobre o seu marmore—meu Deus!—pareceu-me ver um mostruario do escritorio do pai! Que quantidade de drogas!...

—Para que é isto?—preguntei-lhe eu.

—E' para os cabelos... para os fazer loiros...

—Então, essa cor não é a natural? —Não, filho, os meus cabelos são castanho-escuro.

—E isto aqui?

—E' creme *Zed* para a pele... Fica tão bonita, não fica?

—Mas a cor da tua pele...

—E' trigueira... Era mesmo muito morena.

—E isto?

—E isto?

—E' a cor dos labios.

E como ela estivesse de *combinação*—tu sabes o que é uma *combinação*—reparei que, á laia de atilho do mochila, mas para o lado do peito, estavam presos por uns fitilhos de seda dois pequenos seios de borracha! «Para que serve isto?»—disse-lhe eu. E ela, sorrindo, disse-me: «E' para melhor armar o vestido»...

—Oh!—diz-lhe o amigo.

—E ainda mais: sobre as ancas, torneando-as por detraz e pela frente, uma especie de espartilho de borracha, fortemente ajustado e todo transfurado...

—Deus do céu! E isto para que serve?

—Para não engordar... previno-me.

—Mas o pior foi a diferença da cor do pescoço e parte do decote para a do resto do corpo. A transição do branco do colo para o trigueiro dos braços dava-me a impressão de que era um manequim feito aos bocados...

«Delicadamente, com toda a diplomacia, consegui que ela se deitasse e eu, arrependido, fui para o meu escritorio, pensar a maneira de evitar um horroroso futuro... Voltei,

pe ante pe, ao nosso quarto. Ela dormia. Então eu voltei novamente ao escritorio e, á secretária, redigi uma carta. Na manhã seguinte, fingi ter tido, durante a noite, uma forte indisposição e, sem cerimonial, só com o testemunho das duas criadas velhotas, mandei aparelhar, acordei a noiva com toda a gentileza e voltei com minha mulher para Lisboa, sempre com o pretexto de um ataque repentino de certo mal e que só na cidade podia encontrar cura.

Quando da minha saída, no limiar da porta, uma das criadas velhotas, a mais ingenua, disse-me afflita: «Conheço-lhe os sentimentos, menino. A sua senhora está muito doente». E, mostrando-me a fronha que serviu á sua cama, concluiu: «*Deitou, de noite, sangue pela boca!*» Ao que a outra mais esperta retorquiu: «Qual sangue, nem meio sangue!... *Distingiu, distingiu é o que você deve dizer...*»

—E' boa!! E o que continha a celebre carta que escreveste?

—Simplesmente isto: «Excelentissimo senhor:—Junto devolvo as varias drogas, tintas e artigos de borracha do seu comercio, que sua ex.^{ma} filha trouxe como mostruario. Como não são positivamente da minha especialidade, peço que os aceite no conjunto e que pelas instancias competentes, depois de realizado o divorcio, as nossas contas ficarão liquidadas com honra para ambas as partes...»

«E numa mala de mão, juntei o *baton* dos labios, o vermelho das faces, o negro dos olhos, o *gris* das olheiras, o branco da pele, o oxigenio dos cabelos, os seios de borracha, o espartilho, idem, transfurado, a graxa das unhas e uma *gilette* com que ela *fazia a barba*... aos cabelos das pernas...»

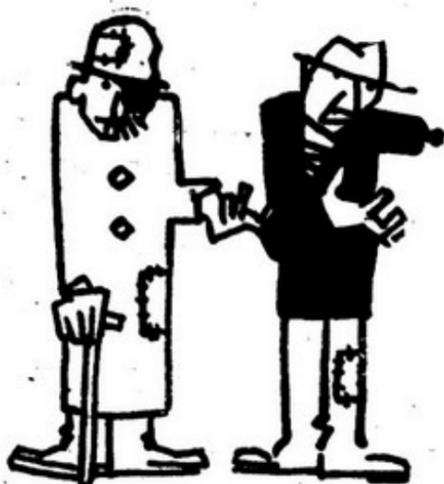
—Mas isso foi de um arrojo inaudito e de uma má criação a toda a prova!

—Antes maleriado do que asno.

—Foi então um casamento que deu em droga.

—Tal qual como a pescada, que antes de o ser já o era...

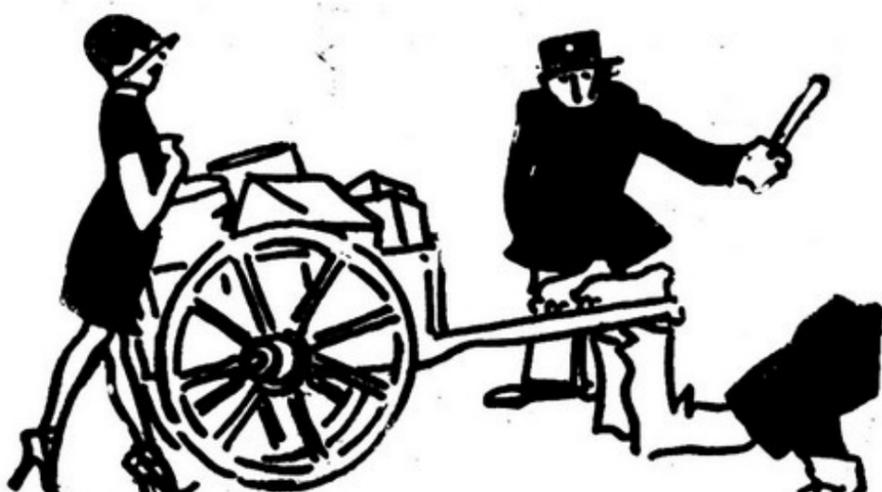
ASPECTOS DO TRANSITO



Dois capitalistas disfarçados, que pedem esmola e emprestam a juros.



Três senhoras que por falta de marido, cultivam os das outras... em nome da amizade



Varias maneiras de andar na rua: pernas de 1.º andar, com rés-do-chão alto. Carroça de mão puxada a pés. Posto policial pela T. S. F. do páusinho...

TEATRO

«RETROZ PRETO...»

O *Senhor que se segue* tem seguido de vento em pôpa. Até já mete variedades—e das boas.

Agora, a proposito, já repararam no retrato de Leopoldo Froes que está na scena do 1.º acto?

Parece mesmo o dr. Egas Moniz quando era centralista!



FALA-SE outra vez na ida duma companhia de revista ao Brasil. A confirmar-se a noticia, cada artista levará um cinto de salvação para poder atravessar o Atlantico, no regresso.

Votamos desde já uma lápide ao acontecimento e uma estatua ao futuro martir-empresario.



ENTRE os lobos—é o titulo da futura peça do S. Carlos!

Quem será o domesticador? Esperamos que a *menagerie* desperte a atenção do publico.



O NOVO *Idolo*, no Nacional. Ele ha tantos!



HA sempre em cada teatro uma artista de largo futuro.

Tão largo que não se vê...



LINO Ferreira continua detendo o monopolio das boas revistas, operetas e tambem traduções.

Com mil abraços, protestamos contra tantos sucessos.



A COMPANHIA do Sá da Bandeira, do Porto, dissolveu-se em silencio. Este reagente classico começa a ter em teatro uma importancia decisiva e aniquilante.

E' o que se chama a polvora sem fumo, dos melhores exitos.



QUANDO se estreiou *La Goya*, representou-se, como nos dias anteriores, *O Senhor que se segue*. No se-

NO TRINDADE



Uma "Aurora" de arte e uma tela de "Goya"

gundo acto, Leopoldo Froes e Erico Braga deitaram-se na cama, que está colocada a um dos lados da scena. O moço protestou contra semelhante peso, quebrando-se.

O publico riu a bandeiras despregadas. Comentario dum espectador:

—Olha que espiga, se eles estavam a fazer outra coisa!



A ACTRIZ Maria Helena vai retirar-se do teatro.

O seu ultimo papel intitula-se *O Casamento*.



O VARIEDADES dá-nos, brevemente, o *Pato*.

Para que evocar um simbolo tão depenado?

VAI remontar-se o *Fox-Trot*.

Vamos lá vêr qual é a artista que ganha este concurso de dança!



AS clagues teem as suas zonas. Digamos: nuances.

No Trindade, quando acaba o *Senhor que se segue*, Erico Braga vem para a plateia, sublinhando os melhores numeros de *La Goya* com gargalhadas homericas.

Mais um papel? Não! Mais uma clague — a do riso, por conta propria!



O EDEN fechou a revista *Sempre Fixo* com o quadro *Notas Falsas!*

Será concorrência ás de quinhentos...

ROUBARAM a uma actriz joias a que se atribui um valor de 100 contos!

Esperamos que a criada gatuna se arrependa dentro em breve, já que a policia não a consegue descobrir.



A TODO o momento se aguarda a inauguração da epoca do Maria Victoria. Publico, artistas e empresarios não faltam. Capital—tambem não! Ha uma peça com esse nome. Então o que falta?

Revistas—sem serem vistas, bem trocistas e impressionistas.



NOVELA do Amor Humilde, do nosso querido camarada Norberto de Araujo, vai ser posta em teatro pela companhia Amelia Rey Colaço.

Eis o que se chama um tiro... sentimental, daqueles que o publico gosta! Durante os espectaculos são permitidas as lagrimas. E' mesmo obrigatorio chorar por amor ao coração.



O ARTISTA francês Alexander — não se suponha que se trata de Alexandre de Azevedo—vem ao Trindade com a Robine, não Rodine, fazer *Le tombeau sur l'Arc de Triomphe*, cuja tradução está ainda por enterrar... conforme o espirito da peça.



O AUTOR-ACTOR Jean Sarment, que nada tem que vêr com o jornalista-tradutor José Sarmiento, vem representar no Politeama, entre outras peças suas e dos outros, *Le pecheur des ombres*.

O pescador das Sombras, em Portugal, cheira a futurismo. Não seria melhor e mais local chamar-lhe *O pescador de aguas turvas!*

Parecia-no: duma grande oportunidade politica...

O Homem das 5 horas

AUTOMOBILISTICAMENTE FALANDO...



Primeira velocidade ...

Segunda ...

Terceira ...

"Prise, directa ...

Ponto morto!

Bom humor

Um dia, o *Times*, o maior órgão da imprensa inglesa, recebeu dum qual-quer mistificador um poema intitulado *A velha guarda*, assinado pelo nome prestigioso de Rudyard Kipling. Este não se melindrou. Limitou-se a declarar:

—E' um poema detestavel.

—Somos absolutamente da mesma opinião,—declarou a redacção do *Times*—mas nós publicámo-lo pensando que era seu...

* * *

Um pequeno jornal inglês que vivia de assinaturas publicou uma noticia da morte de Rudyard Kipling, felicemente infundada.

O escritor inglês não tomou o caso a sério. Alegrementemente, escreveu ao director do jornal em questão, dizendo: «O seu órgão anuncia a minha morte. Como está sempre bem informado, a noticia deve ser exacta. Peço-lhe que corte a minha assinatura, em virtude de ser inútil depois do meu falecimento.»

* * *

Maria:—Amo um homem que diz o que pensa...

Alice:—E' perigoso! Um homem que diz o que pensa, pensa unicamente coisas desagradaveis.

* * *

O mendigo:—Dê-me alguma coisinha. Tenho a minha mulher muito doente...

O transeunte:—Hoje não tenho dinheiro; amanhã será...

O mendigo:—Muito tarde, senhor! A' manhã já ela estará boa!

* * *

João:—Felicito-te por teres encontrado emprego. Naturalmente já conhecias o patrão...

Antonio:—Sim! Um pouco porque o conhecia, e muito porque ele ainda não me conhece...

* * *

O tímido:—Excedi-me. Disse algumas verdades amargas a minha mulher.

O amigo:—Já sei! Apanhaste uma grande sova...

O tímido:—Não! Ela ficou um momento indecisa. Depois deu-me um grande beijo e felicitou-me pela minha bravura.

* * *

Num jantar, o grande caricaturista Forain é colocado junto duma senhora, que tem um halito pestilencial. Ela, que conhece o seu defeito, não diz palavra, por mais que Forain insistia, malevolamente.

Na altura da sobremesa, o criado serve um queijo magnifico, mas dum cheiro horroroso.

Forain não se contém. Volta-se bruscamente para a senhora, que não tinha falado, e pergunta:

—O que estava dizendo?

NO CAMARIM DE "LA GOYA"

Aventuras dum empresario internacional

Biscoito intitulam os espanhois uma divertida partida que consiste em estabelecer a confusão no espirito duma vitima escolhida pela cumplicidade de duas ou mais pessoas em combinação.

Exemplificaremos com um caso de que foi peão de *nicas* o conhecido empresario internacional Miguel Martins, quando este convenceu a gentil *tonadillera* *La Goya* a ir fazer dois espectaculos a Setubal, entusiasmando, á artista e a Tomás Borrás, com as excelencias dos salmonetes que se comem na cidade do Sado.

Seja dito de passagem que, durante os três dias de permanencia de *La Goya* não se pescaram salmonetes em Setubal, apesar das diligencias efectuadas pelos setubalenses admiradores da artista e zelosos do credito dos salmonetes da terra. Como não apparecessem os tão desejados e encarnados peixinhos e só na volta, já em Lisboa, se encontrasse a especialidade que faltava na origem, ficou por Tomás Borrás estabelecido que em Setubal não se pescam salmonetes, sendo estes importados da capital para valorizar as especialidades da terra de Bocage.

Mas voltomos ao *biscoito*. Entrou Miguel Martins no camarim de *La Goya*, delegado duma casa de beneficencia setubalense, para que pela artista fossem leiloadas, com o auxilio de beneficiadas educandas, algumas rifas para o sorteio duma vaca oferecida por um *ganadero* local. *La Goya* beijaria as rifas assim valorizadas para o leilão.

Como a artista não entendesse immediatamente o castelhano barato do reputado agente de variedades, entrou o Felix Correia do estabelecimento o *biscoito*, explicando que se pretendia que *La Goya* toureasse no palco, coadjuvada pelas educandas, uma vaca que depois seria rifada.

Atalhou o Miguel que não era isso, mas o Alvaro de Andrade continuou complicando e explicando: *La Goya* teria que beijar a vaca no palco depois de toureada pelas crianças.

Que não, gritava o Miguel, mas quem estas linhas escreve ampliou a confusão afirmando que quem toureava a vaca eram as crianças, que depois rifariam um beijo que *La Goya* daria na vaca.

Já o Miguel Martins suava, sempre convencido de que todos laboravam num innocente equivoco, quando Tomás Borrás interveio dizendo que se opunha a que *La Goya* toureasse a vaca no palco, pelos perigos que dahi podiam advir para ella, para as crianças e para o publico.

Apesar de novos protestos do afflittissimo Miguel, ainda *La Goya* declarou que não tourearia a vaca nem consentiria que as educandas o fizessem.

E só quando já era desolador o aspecto aterrado do encravadissimo empresario é que terminou o *biscoito*, que ia dando com o Miguel em maluco definitivo, o tudo isto sem prejuizo das crianças, que foram por *La Goya* beijadas e contempladas,

Perez-Lachasp



—Quería dançar com V. Ex.ª, mas não conheço estas danças modernas.
—Só sabe então danças do seculo XVIII?

CANÇÃO NACIONAL

Fado da Alegria

Mote

D'Alegria, o chafariz impera sobremaneira no passado dos barris e do senhor Carlos P'reira.

Glosas

Quando o galego vendia a agua por um vintem, do Rossio até Belem era enorme a freguesia. No AU que então se ouvia, o aguadeiro feliz cantando encontrou o X com energia e valor por conquistar co'o suor, d'Alegria, o chafariz.

Tem a Alegria uma praça e um jardim sobrio, tão triste que, dos que em Lisboa existe, pouca gente por lá passa. Faz ao chiste tal negação que parece chuchadeira! Pois é lá que uma sopeira fala ao conversado ingrato e onde o flirt barato impera sobremaneira.

Teve um teatro de madeira celebrado p'la Torpeza, peça onde a Portuguesa se tocou p'la vez primeira. O galêgo, na ladeira, curvando ao peso a cerviz, deu ao bairro tal matiz que ha de chegar inda á Gloria. Que ninguém zombe da historia do passado dos barris...

Hoje, n'agua, o tal soluto de clorito que envenena é, p'ra nós, a maior pena, mais sombria do que um luto. Basta olhar p'r'ó aqueduto, quando a estação fôr soqueira e, ao abrir's a torneira, pede a Deus que tu te salves... Pensa no Dingo Alves e no senhor Carlos P'reira.

PARADOXO



—Emprestas-me 20 escudos?
—Não posso! Estou sêco de todo...

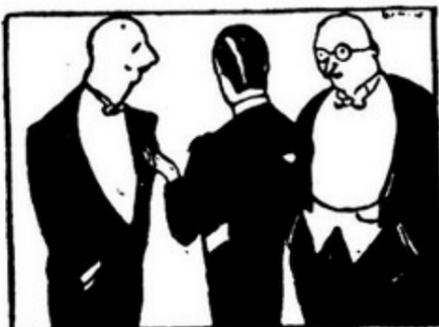
BRISTOL CLUB DANCING
Jantar concerto das 19 ás 22 h.

BRISTOL CLUB DANCING
O UNICO SEMPRE EM FESTA

HUMORISMO NO ESTRANGEIRO



—Não faça caso do meu Alfredinho. Ri-se das coisas mais parvas!



—Parabens, já sei que vais casar...
—Isso sim! Estou velho para isso...
—Ah! Então, mil parabens...



O medico: — É natural que o senhor venha a ter insomnias...
O cliente: — Porquê, doutor? Quais são os sintomas?
O medico: — Estes: a conta...



—Está lá, sr. gerente? Dê-me outro quarto. Não posso dormir neste: está a arder!



—O filho! Tapaste completamente o retrato da mamã!
—Não me disseste que gostavas da sala muito alegre?



—Que desaforol! A atirar-me água!
—Talvez quizesse que o encharcasse com champagne, não?

Madurezas

CONFERENCIA HUMORISTICA

pelo DR. JOSE BONITO

na 2.ª recita dos Medicos Portuguezes

Uma cadeira?!... Uma mesa?!...
Um copo com agua cheio?!...
Vamos a ter com certeza,
Estopada de palmo e meiol!
Isto foi o que eu ouvi,
Quando vinha p'ra entrar.
Vacilei... mas entendi:
Já não deyer recuar.
De os mastar, não tenho intento
Asseguro a Vocelencias.
Falo só, por um momento,
De Caixas de Previdencias,
Revistas medicinaes
E dos medicos actores,
Além doutras coisas mais,
Mas de diversos sabores.
Podem isso retirar
Desde que houve confusão.
Não costumo agua tomar;
E se quizer descansar,
Para assento tenho o chão,
E d'encosto serve o ar.
Mas agora é que eu reparo
Neste traje que vesti.
No chão isto?... Não, que é caro.
Tem de ser... sento-me ali.
Bem firme, pois, neste posto,
Só lhes voltarei o rosto
Se qualquer me patear,
Ou m'aplaudir com tal gosto
Que me faça desmaiar.
Foi ha um ano talvez,
Não sei bem se ha um se três,
Que esta Caixa se fundou.
O Xavier, que a creou
Por ser ama de bom seio.
Quiz procurar um rodeio
Que mais a fortalecesse,
E assim robusta pudesse,
Numa aflitissima emergenci:
Ser segura providencia
P'ra quem dela carecesse.
Se os medicos são actores,
Pois que teem de o bem ser,
Para afastar os temores
Que a Morte nos faz crescer;
Porque não utilizar
Esse valor recatado.
E á nobre Arte imolar
Tanto merito apagado?
S'inda é p'ra aliviar,
Que vão pisar o tablado?
Com esta clarividencia,
Conseguiu que os Doutores,
Por mór da Beneficencia,
Sem desprimor p'ra Sciencia,
Viesses cá como actores.
Constituiu a Companhia
E ei-la ahi triunfante,
Com exito em cada dia,
Mais lucrativo e frisante.
E' bom sempre acentuar
Que o fantasma da desgraça
Não repara quando passa,
Em quem vai amargurar.
Os doutores, é voz corrente,
São pessoas abonadas,
Do que nos levam, á gente,
Teem burras atestadas.
Puro engano! A nau é grande
Mas a tormenta é maior!
Se a doença bem s'expande,
A miseria, inda melhor.
Uma visita?... dois contos!
Uma conf'rencia?... um canudol
Apurados os descontos
E calotes... vai-se tudol
Operação?... que desgraça!
E' fortuna a desabar!
São mil contos... p'ra caraça!
Mais dez mil... p'ra quem cortar!
Mas como a vida, a pagar,
N'nguella deve ser coacto,
Pode o Esculapio bramar
Que o dinheiro fica intactol
Sendo parto?... é um tesouro
Maior que os... d'Ali-Babá!
P'ro indez, vai todo o ouro,
Da Mamã e do Papá!
Está o trabalho acabado,
Pede-se a conta ao Doutor!
Ail que roubo descaradol!
Vá p'ra estrada, que é melhor!
...Quem paga ao operador?...
O nado... em sendo maior!
E p'ra estas contingencias
E' que não ha providencias!
Se o doente vai p'ra Céu...
Foi o doutor que o matou (não eu)
E se acaso não morreu?

Foi o bom Deus que o salvou.
E como do Céu p'ra terra
Só vem a chuva que alaga,
Hypocrates clama e berra,
Mas fica sempre sem paga.
O medico é, po's, senhores,
Como qualquer proletario;
Tem alegrias, tem dôres
E... discutido salar'io.
Da fome conhece horrores
Como quasi toda a gente,
Desde os melhores aos piores,
Por doença... felizmente,
Só é rico em devedores
E na muita abnegação,
Dando a vida por es...pantalhos
Que não valem um p'nhão
E qu'inda são detractores
Da sua reputação.
A sua alma é um sacrario
De ternura e de bondade.
A sua vida, um rosario
De deveres d'humanidade.
Paguem bom ou paguem mal,
Seus olhos 'stão sempre fitos
Num :C supremo ideal:
O de valer aos aflitos.
E' só ele que os norteia
Neste pantano de intriga,
Ena que a mais sublime ideia
Encontra quem a maldiga.
Ha quem pense que o doutor
Deve estar numa redoma!...
E que a mascara d'actor
Tambem mascára o diploma.
Tu, doutor, mudares d'aspecto?!...
E de femca appareceres?!...
Porque? Pois não é correcto,
Em medicina, mulheres?!...
Tu, doutor, mudares de cara?!...
Como por ahi se diz?!...
Na verdade é coisa rara,
Porque só aqui o fiz!
O medico é sempre artista
Com canivete ou sem ele.
Corta bem; o que contrista
E' que corte a propria pele.
Foi ali áquele canto
Que na recita primeira,
Por os olhos fechar tanto,
Incorri em certa asneira.
O maestro não o vi,
O ponto não dei por ele,
Muito intrigado, senti
A veste fugi da pele.
Da scena logo saí.
Em louca atrapalhação,
Para não mostrar aqui
O fato... que usara Addo.
Desfiz-me da cabeloira,
Despujei-me dos vestidos,
Tirei colar e pulseira
E apurei bem os sentidos,
Olhei muito para mim.
Inda intrigado, contrito;
Mas notei com frenhezim
Qu'estava bom mais bonito.
Mas ainda não contente,
Fiz exame introspectivo,
P'ra vêr s'estava doente,
Se estar a morto ou vivo.
Verifiquei com urgencia
Se no tablado eu perdera
O que da minha sciencia
Comigo p'ra aqui trouxera.
T'nhá tudo o que tivera
E a mais a convicção
De que como Aetrix só era:
Um completo Canastrão.
Mas no palco uma existencia
Eu gastaria á vontade
S'uma tão grande exigencia
M'impuzesse a Humanidade.
A Caixa de Previdencia
E', Senhoras e Senhores,
Pois a triste consequencia
D'haber tão maus pagadores.
Vivo da vossa alegria
E do nosso sacrificio,
E será mais tarde indicio
Do que hoje se fazia.
Um monumento a atestar
O que nós soubemos ser
E o que Vós soubestes dar,
Para á sombra dum prazer
Muita lagrima dumar.

Senhores e Senhoras,
Boas noites... e melhoras.

HUMORISMO NO ESTRANGEIRO



—Não lhe parece, minha senhora, que este Charleston é monotono?
—Realmente o sr. Carneiro devia experimentar agora pisar-me o outro pé.



Um cavalheiro que sabe de cór o Manual do perfeito cavaqueador.



Ela: — O telegrama vem assinado «Henrique». Quem será?
O distribuidor: — Tem um filho chamado Henrique. Deve ser dele.
Ela: — Pois sim, mas a letra não se parece nada!



—Olha lá, ela não deixará nunca mais de te dizer parvoices?
—Sei lá. Somos casados ha apenas cinco annos.



O telegrama: — «Automovel espatifado. Lamentamos não poder regressar.»



—Imagina que a minha mulher quer fazer tentro, como toda a gente, e então vens mesmo a proposito. E' o senhor que se segue!



FOOT-BALL DE PROVINCIA

O PREMIO DE CONSOLAÇÃO

ou os desherdados de Lisboa e Porto

Para muitos aficionados da bola, o novo sistema de disputa do campeonato nacional de *foot-ball* é ainda um mistério bastante mais tenebroso que os: de *New-York*.

Ha quem interrogue ansiosamente: —Mas então, o campeão de Portugal pode não ser sequer: campeão do seu distrito?

Pode! E isto confirma uma nova definição do torneio nacional, e que é a de: Premio de Consolação aos desherdados de Lisboa e Porto.

Pois se, no domingo, até o *Casa Pia*, que na competição lisboeta não conseguiu uma victoria, obteve um triunfo retumbante por cinco a zero!

E o *Sporting*, que tem andado com a borda debaixo d'agua, abichou um passeio a *Portalegre* e uma victoria por sete a um!

O *Imperio* conseguiu tambem um resultado *espampanante*. E os proprios *Vitoria* e *Belencenses*, enquanto não resolvem entre si a disputa do titulo lisboeta, foram-se treinando em atirar ao *goal*, em *Beja* e em *Santarem*.

O campeonato de Portugal tem, pois, por agora, uma utilidade já bem definida. Os desherdados das capitais: passeiam, divertem-se e... até metem *goals*!

Um jornalista inglês, descrevendo um *match* de *box*, diz:

«Os dois *boxeurs*, cheios de confiança, subiram ao ring. Mas *Ketchell*, depois de ter recebido um formidável *sóco* no ouvido direito, um *cross* no queixo e alguns directos violentissimos no coração, começou a dar sinais de *nervosismo*...»

Realmente, um formidável *sóco* num ouvido, outro no queixo e ainda varios no peito, são de molde a produzir uma daquelas *neurastenias* que desafiam o diagnostico dos medicos...

Um leitor inocente—será o sr. *Mario Pistachini*?—escreve-nos protestando contra algumas das leis que regem o *association*.

Tem toda a razão.

E' contrario a todo o bom senso que as faltas dum jogador recaiam sobre a *equipe*. Esta iniquidade não é admitida em materia civil ou criminal, por nenhuma *jurisprudencia*.

Além disso, quando um grupo comete uma falta, o juiz manda aplicar um pontapé na bola!

Seria mais logico e mais justo dar o pontapé no jogador que cometeu a falta.

Carpenter, desde que se treina para *estrilo* de *music-hall*, parece interessar-se pela arte pura.

De facto, na semana passada, appareceu com o seu empresario num recital de piano realizado na sala dos concertos do Conservatorio de Paris, por *Eve Curie*, filha do illustre homem de sciencia.

O programa era severo. *Schumann*, *Schubert*, *Liszt*. Nada que se comparasse aos ritmos dos *dancings* nem aos sons estridentes dos *jazzs*.

Como, no intervalo, o ex-campeão de *box* ficasse sentado na cadeira e muito quieto, alguém comentou:

—Coitado! Ainda está *knock-out*...

Um leitor—um destes leitores desagradaveis de que ninguem se livra—pregunta-nos o que é o *basket-ball*.

Olhe:—o *basket-ball* é um desporto que se pratica com um *basket* e um *ball*.

Em inglês, *basket* quer dizer *cesto*, e *ball* quer dizer *bola*. Por conseguinte, o *basket-ball* consiste em meter uma bola num cesto.

Não deve depreender-se daqui que o hortaliçeiro que despeja batatas para o cesto duma sopeira seja um campeão de *basket-ball*.

Este desporto é jogado por dois contendores num campo semeado de batatas...

Perdão! Não é nada disto!

Jogam quinze de cada lado debaixo duma varanda...

O melhor é acabarmos com esta *maçada*! Prefiro dizer-lhe francamente que não faço ideia nenhuma do que seja o *basket-ball*, que nunca o vi jogar e que não figura no *Dictionnaire des Sports* que possuo e que consultei pagina por pagina.

Naturalmente é o nome duma nova receita inglesa para fazer *cocktail*.

A praga dos *taxis* que invadiu Lisboa—e só comparavel ás pragas de gafanhotos que assolaram o Egipto—teve o condão de transformar muitas

personas sensatas em *sportsmen-automobilistas-viceiosos*.

E então, por uma lei natural e compreensivel, esse sentido a que poderíamos chamar da *circulação* na rua transformou-se tambem.

A reacção entre o automobilista e o transeunte sofreu uma mudança profunda, uma vez que todo o transeunte pode ser automobilista. Este passou a conhecer melhor a psicologia do homem que anda pela rua.

De facto, enquanto se não anda de automovel pelas ruas duma grande cidade, não se imagina até que ponto é infinita em matizes psicologicos a multidão circulante. A primeira coisa que ocorre ao *neofito* automobilista é pensar na inexgotavel bondade da Providencia.

O *chauffeur* *pauze* á ser olhado como um ente dotado das maiores virtudes de paciencia, sangue-frio e comiseración para com os fracos, os pobres de espirito e os idiotas. E o *neofito* pergunta, assombrado, aos seus botões:

«—Mas, como é que não acontecem, pelo menos, quinhentos atropelamentos por dia?»

Vamos alegres e bem dispostos num *taxi* veloz. De repente, pára o coração e damos um *ai!* de terror.

«—Matou-o, com certeza!»

Era um transeunte pai de familia que parara de subito no meio da rua, pensando na morte da bezerra. O *chauffeur*, com os olhos bem abertos e atenção bem tensa, conseguiu fazer a tempo a manobra.

Não aconteceu nada.

Mas então: intervem o transeunte! O transeunte, que estava pensando na morte da bezerra, e que se volta irado, *caerico* contra o *chauffeur* que ia bem atento. O transeunte, que ameaça e ergue os punhos, representando no meio da rua o papel dramático do homem-vitima que clama justiça a todos os denses do céu.

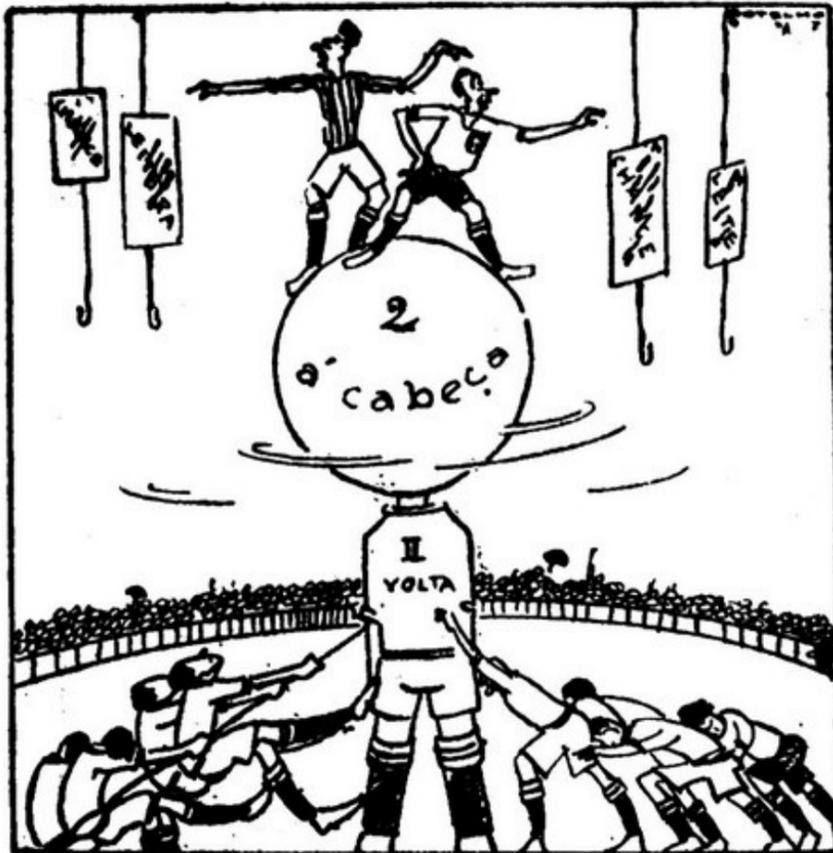
O homem-vitima ha de pensar justamente o contrario, no dia em que tiver dez escudos para andar de *taxi*.

Num exame de historia universal: «—Em que situação ficou *Napoleão Bonaparte*, depois de ganhar a batalha de *Wagram*?»

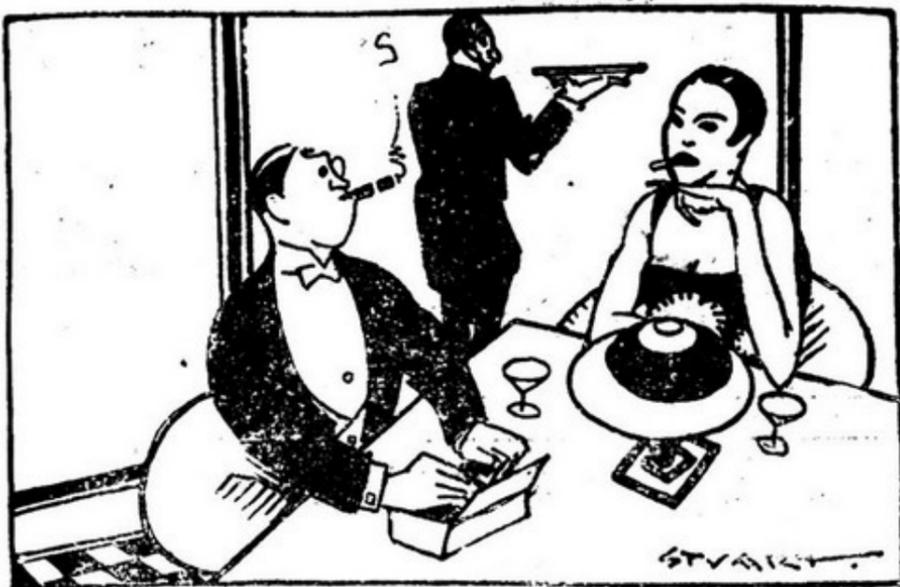
«—Campeão da Europa de todas as categorias!»

Rebola-A-Bola.

QUAL DOS DOIS



tem mais equilibrio?



— Porque tem você um criado doido?
— Para fazer de patrão quando cá veem os meus crédores.



— A sua mulher consegue ouvir?
— Não sei. Mas com algumas magnificas, ela vai assegurando o serviço...



— É a primeira vez que vejo uma mulher a comer um brioche.



— Agora só tens essa cadeia?
— Não, tenho ainda os teus cinco "cães"!

HONRADEZ ACIMA DE TUDO



Quando o Jeronimo se estabeleceu com o negocio de batatas, disse para o socio:

— Temos que partir deste principio: honradez acima de tudo!

Passados alguns dias, um freguês foi ao armazem e, por engano, pagou com escudos a mais em algumas arrobas de tuberculo, bastante tuberculizado.

O Jeronimo, logo que deu pelo engano, disse para o socio:

— Para veres como sou honrado, toma lá cinquenta escudos, que eu fico com os outros cinquenta...